

Saudação ao 26 de Julho

Via [Blog Comunistas](#)

15 dias após os protestos de 11 de julho, Comunistas prestam homenagem aos mártires de 26 de julho e analisam as manifestações controversas.

Este 26 de julho marca o 68º aniversário do ataque ao quartel de Moncada e 15 dias desde os protestos que sacudiram Cuba em 11 de julho.

Ambos os eventos estão longe de ser eventos históricos similares, mas a contra-revolução está tentando manipulá-los. De acordo com a direita, os protestos de 11 de julho seriam o verdadeiro dia da rebelião nacional e não o assalto ao quartel de Moncada.

No entanto, além das distorções e abordagens ideológicas, o que é certo é que o 11 de julho continuará sendo um dia histórico. É preocupante que o governo cubano esteja tentando minimizar e criminalizar os protestos naquele dia. Pode servir precariamente como propaganda política, mas se na realidade nossos líderes acreditam que os protestos foram o produto exclusivo da contra-revolução, então eles não terão entendido o que aconteceu em 11 de julho. Esta possível surdez é muito perigosa para a sociedade cubana. Ignorar o fato de que aqueles que saíram para protestar em 11 de julho eram uma representação do setor economicamente mais atingido é estar enfrentando algo semelhante dentro de alguns meses.

É verdade que a contra-revolução desempenhou um papel de propaganda eficaz; é verdade que os Estados Unidos querem que o Partido Comunista caia em Cuba; é verdade que o bloqueio tem um impacto negativo, mas a espontaneidade das massas no dia 11 de julho tem causado muito mais proximidade com a vida cotidiana da classe trabalhadora, como a escassez, a má administração e o descaso com bairros economicamente

vulneráveis. O governo cubano terá dificuldades para remediar a terrível escassez que Cuba está sofrendo. Mas a crise não é apenas econômica, mas também política, e isto, juntamente com o fator fome, é muito perigoso.

Há tanta desconfiança entre o povo e a direção do Partido que as maiorias silenciosas não lêem a imprensa oficial e a imprensa oficial apenas relata sobre aqueles que saíram para defender o governo e sofreram violência.

Tanto a imprensa oficial quanto a privada manipularam e distorceram os acontecimentos de 11 de julho a ponto de torná-los irreconhecíveis. De repente, para alguns, o 11 de julho foi um ato repreensível de vandalismo e para outros um levante nacional contra a "ditadura". Ambas as versões simplistas cancelam a complexidade resultante das massas famintas. Os eventos de 11 de julho tiveram a legitimidade política do protesto social e também tiveram atos condenáveis de vandalismo.

Cuba não é uma ditadura, mas os direitos de muitos cidadãos que saíram para se manifestar foram violados. É verdade que a terrível palavra "desapareceu" foi manipulada, mas centenas de detentos passaram dias sem poder se comunicar com suas famílias, e seu paradeiro é desconhecido. É verdade que Cuba é um Estado socialista governado pelo Estado de direito, mas em mais de alguns julgamentos sumários os processos legais estabelecidos foram violados e sentenças de quase um ano foram proferidas pelo simples fato de ter estado na manifestação. É verdade que tudo isso pode servir para assustar e evitar novos protestos, mas se acontecer novamente um 11 de julho, os manifestantes sairão levando a fúria que essas violações geraram. A coerção interrompe o protesto, mas aumenta a separação entre o governo e o povo cubano.

Reproduzir o discurso que os milhares de manifestantes de 11 de julho eram contra-revolucionários é entregar à contra-revolução uma vitória que ela não tem. Reproduzir o discurso

que as manifestações de 11 de julho foram preparadas pela contra-revolução é reconhecer a capacidade de organização e mobilização da ala direita que ela não tem. Somente a partir de uma análise crítica marxista podemos entender o que aconteceu em 11 de julho. O discurso acrítico apenas isola o governo da sociedade e fortalece a propaganda política contra-revolucionária. É urgente que o governo cubano analise o que fez de errado e o explique publicamente. As massas estão cansadas de ouvir como o culpado de tudo é o imperialismo ianque. As maiorias querem ouvir o governo fazendo uma profunda autocrítica, reconhecendo que o 11 de julho é em grande parte parte de seus erros – um gesto que daria uma alta dose de legitimidade política à liderança – mas a arrogância cega da burocracia o impede de fazer isso. As maiorias silenciosas diferenciam cada vez mais Fidel Castro do governo atual, vendo no Comandante-Chefe alguém que teria resolvido a crise econômica com o povo e não com a atual liderança do país, que eles vêem como distante e fora de contato com suas realidades. Esta é outra quebra preocupante na legitimidade política do governo.

Além das prisões de 11 de julho e dos julgamentos sumários que se seguiram, outras medidas de represálias administrativas, como demissões e sanções políticas, começaram a ser tomadas contra aqueles que só participaram dos protestos ou que se presume que tenham participado. Esta situação também tem servido para purgar os intelectuais que se sentem desconfortáveis com o discurso oficial, mesmo que sejam marxistas. Não basta mais criticar dentro do estabelecimento; só se pode criticar quando e sobre o que é autorizado. Apoiados pelo espectro do 11 de julho, os oportunistas darão livre curso às purgas e à antropofagia política. Se algo for danificado, será o ideal socialista, que uma parte da classe trabalhadora continuará a associar cada vez mais com a censura e a repressão. Mas lembremos sempre que o estalinismo e suas versões não são nada além de deformações contra-revolucionárias do ideal comunista.

Grande parte da violência sofrida em 11 de julho poderia ter sido evitada se o governo cubano tivesse legalizado o direito à manifestação pacífica. O apelo do presidente cubano Miguel Díaz Canel para uma manifestação mobilizou centenas de comunistas, mas também foi amplamente rejeitado. Muitos dos que saíram para defender o governo o entenderam literalmente como uma “ordem de combate”. Dezenas delas carregavam bastões evidentemente preparados com antecedência para situações similares. Todos foram feitos na mesma cor, no mesmo tamanho e com o mesmo design. A polícia e órgãos similares estão lá para reprimir os violentos.

Para reprimir não se confeccionam varas e as entregam a civis que sabem que estão protegidos pela lei, mesmo que exerçam violência fora de qualquer legalidade.

Que todo o peso da lei recaia sobre aqueles que vandalizaram ou, pior ainda, tentaram assassinar. Mas não sobre aqueles que exerceram seu direito de protesto, que não é legislado em Cuba, mas é legítimo.

Abaixo a contra-revolução!

Viva a classe trabalhadora!

Viva a liberdade!

Viva o dia 26 de julho!

Pátria ou morte!

Rumo ao comunismo!

Que a marcha de 26 de julho guie nossa luta!